UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

EDSON LACCHINE JUNIOR
ERIC ARAUJO DE ALMEIDA

MULHERES DOCENTES NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CEFD/UFES (1970-2021)

VITÓRIA
2022

EDSON LACCHINE JUNIOR
ERIC ARAUJO DE ALMEIDA

MULHERES DOCENTES NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CEFD/UFES (1970-2021)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, como requisito para a obtenção do título de Bacharel de Educação Física.

Orientadora: Ileana Wenetz.

VITÓRIA
2022

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Ileana Wenetz**,** por ter sido nossa orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação, zelo e amizade.

À Universidade Federal do Espirito Santo, essencial no nosso processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendemos ao longo dos anos do curso.

Às nossas irmãs, Luanna Araujo e Allyne Lacchine, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos delicados da nossa vida. Em especial, gostaríamos de agradecer a Allyne a qual sempre acreditou neste trabalho e contribuiu em muitos momentos complicados.

A Profa. Dra. Ana Paula Leopoldo**,** por ter nos ajudado no desenvolvimento do trabalho na disciplina Seminário Introdutório de Projetos.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo mapear as mulheres docentes na educação física de 70 até os tempos atuais no CEFD/UFES, de modo a facilitar futuras pesquisas fomentadoras de maior visibilidade feminina. A pesquisa utiliza metodologia quali-quantitativa, que se trata de uma abordagem onde se empenha em analisar e interpretar vertentes mais detalhadamente, com definição, compreensão e reflexão com base em literaturas já disponíveis (AMARAL, 2007). Também utilizaremos uma metodologia documental realizada no Centro de Memórias de Educação Física Capixaba localizado dentro do CEFD/UFES e entrevista a uma professora aposentada da instituição. Os resultados obtidos mostram notável discrepância da quantidade de professoras do departamento de ginástica para o departamento de desporto desde a década de 70 aos dias atuais, além de uma quantidade maior de docentes masculinos no corpo docente da pós graduação, também se nota que o número de ocupações de mulheres nos cargos de liderança no centro, como na Pró-Reitoria e diretoria do CEFD é muito menor em comparação aos homens.

Palavras-chaves: Mulheres cientistas, Ciência, Produção cientifica, Gênero e Educação Física.

LISTA DE SIGLAS

EF - Educação Física

CEMEFEC – Centro de Memória de Educação Física Capixaba

CEFD – Centro de Educação Física e Desportos

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

PROGEB - Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas

DGI/PROPLAN/UFES – Diretoria de Gestão da Informação - Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

DD – Departamento de Desportos

DG – Departamento de Ginástica

SUMÁRIO

1. Introdução 7
2. Justificativa 10
3. Objetivos 11
3.1 Objetivo Geral 11
3.2 Objetivos específicos 11
4. Marco teórico conceitual 12
4.1 Ciência e mulheres na Educação Física 12
4.2 Gênero, sexualidade e poder 14
5. Metodologia 17
5.1 Processo de coleta e análise dos dados no CEMEFEC 18
6. Resultados e discussão 20
6.1 Presença feminina no corpo docente de ensino superior 20
6.2 Presença dos gêneros nos departamentos no CEFD/UFES 23
6.3 Produção científica das professoras do CEFD 29
7. Conclusão 34
8. Referências 36
Apêndice 1 - TERMO DE ANUÊNCIA 41
Apêndice 2 – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE) 42
Apêndice 3 - Roteiro das Entrevistas 46
Apêndice A – Entrevista transcrita 48

1. Introdução

Talvez surja a pergunta por que os homens escrevem sobre mulheres na ciência quando já existe uma perspectiva masculina, e o argumento se baseia no fato de que a ciência atual busca o conhecimento independente de gênero, sexualidade, raça, etnia ou religião a fim de tornar um meio igualitário. Portanto, temas de relevância social necessitam de discussão científica qualificada independente de quem a produza (SARDENBERG, 2007).

Historicamente entende-se que a ciência só era vista como atividade atribuída aos homens, ou seja, uma ciência que não é “neutra”, que apresenta imparcialidade quando direcionada ao ponto de vista das questões de gênero e sexualidade. Com isso, a ciência moderna se opera em um sistema excludente para mulheres, onde não tinham direito ao acesso a discussões sobre o âmbito científico, discursos designados como naturais e hegemônicos (LETA, 2003). Essa ideia, se constitui por meio de uma rede dominante, onde é estabelecido normas que precisam ser dominadas, controladas e normatizadas (FOUCAULT, 2002).

Ademais, observa-se que os pressupostos teóricos promovidos pela Modernidade, no tangente ao cenário de estudos feministas, nos mostram como as pesquisas científicas e as lutas sociais apresentam características contingentes, transitórias e de caráter histórico (MARTINS, WENETZ, 2020). Nessa perspectiva, Meyer salientava a existência de desdobramentos que se operavam minuciosamente com a categoria gênero. Na esteira desse fato, não se pode deixar de expor que uma das divisões - Papéis/funções da mulher e do homem - promove a articulação entre gênero e poder, este envolvido em processos de diferenciação que possibilitam a classificação e a hierarquização de sujeitos em função do respectivo gênero (MEYER, 2003). Assim, tal perspectiva implica a superação da compreensão de que homens e mulheres desenvolvem determinadas funções ou papéis na sociedade, além da compreensão de como os significados de gênero e de sexualidade influenciam o próprio social, ao alcançar os saberes, as normas e as instituições (MARTINS, WENETZ, 2020).

O Instituto de Pesquisa Tecnológicas – IPT -, (2014) relata que entre os anos de 1960 e 1980 observou-se um aumento significativo da participação de mulheres na Ciência e na Tecnologia. Com base nesse tópico, não se pode deixar de mencionar,

aqui, como causa relevante de tal fenômeno a influência do movimento feminista da época - temática que se tornava cada vez mais frequente. Assim, sob esse viés, verificou-se a disponibilização de maiores oportunidades no que tange à participação de mulheres em processos científicos, principalmente, em decorrência de haver, também, a ascensão do número de mentes femininas com graduação.

Acrescente-se, ainda, a construção social de gênero e o afastamento das mulheres em relação às carreiras científicas. O problema, não se pode deixar de perceber, refere-se ao fato de os homens apresentarem trajetória histórica e socialmente construída de maneira dicotômica, ao associar aos homens características marcadas pelo senso de racionalidade, de objetividade e de força - atributos fundamentais ao cenário científico - e às mulheres os aspectos relacionados ao zelo e à afetividade. Por via de consequência de tais estigmas, foi disseminada a concepção de que a escolha de carreira deveria se adequar à natureza feminina, ao envolver atividades sentimentais e minuciosas, que induzem estas a buscarem profissões menos valorizadas socialmente (BRUSCHINI; AMADO, 1998)

Outro fator a acentuar o agravamento desse quadro, contemplado por Cristina Passinato (2008), refere-se ao fato de que**,** historicamente, não se relatou relevante parcela das participações de mulheres na Ciência. Assim, de acordo com a autora, somente após provas, debates e lutas tornou-se possível a ascensão da contribuição feminina em âmbito científico. Além disso, não se pode deixar de expor a força das mulheres sobre as regras socioculturais estigmatizadas e a presença masculina hegemônica na Ciência (PASSINATO, 2008).

Logo, vale ressaltar as mulheres como campo de estudos, que acompanhadas pelas ondas feministas as quais se caracterizaram pela luta aos direitos políticos - 1ª onda - e ao acesso à educação e ao ensino superior - 2ª onda - puderam proporcionar uma significante melhoria nas circunstâncias das áreas profissionais e um importante avanço na igualdade de direitos das mesmas (SCOTT, 1990). Joan Scott, deixa evidente também que esses movimentos feministas iniciais foram marcantes para a desigualdade de gênero, pois serviram como forma de denúncia à opressão e ao submetimento feminino, mostrando um novo olhar sobre essa realidade.

Sob o mesmo ponto de vista, nota-se o enraizamento da visão androcêntrica dentro do âmbito cientifico, como forma de perfil a ser seguido pelas mulheres que almejam o sucesso profissional nesse meio, ou seja, devem-se adaptar ao modelo

“masculino”. Entretanto, o significado do termo gênero vem para descontruir essa ideia, compreendendo as igualdades e diferenças entre homens e mulheres como construções sociais e não resultância de suas condições biológicas (SCOTT,1990).

Ademais, está a menor produtividade cientifica pelas mulheres, que pode ser explicado por diversos fatores, entre eles a maternidade e o casamento, onde elas dividem seu tempo e sua atenção entre a família e o trabalho doméstico com os deveres da vida acadêmica (VELHO, 2006). Vê-se, então, que a caracterização do ser mulher na ciência abre espaço para interpretações, é possível comparar produtividade através de contextos tão distintos?

A partir de tal, existe um campo acadêmico atravessado por questões de gênero, e a educação física forma parte desse campo, que ao buscar um olhar epistemológico, observa-se que a Educação Física moderna sofre a influência, desde seus primeiros passos, do pensamento científico. Vale o princípio: exercitar científica e racionalmente o corpo, ou seja, exercitar o corpo de acordo com o conhecimento científico que se tem a seu respeito (BRACHT, ALMEIDA, GOMES, 2013), de modo a realizarmos um recorte inicial a década de 1970, pois a educação física intensificou as discussões sobre o fazer científico em seu interior nesse momento devido a intensificação do movimento feminista no Brasil.

Contudo, a literatura sobre gênero na ciência obteve destaque e importância entre os acadêmicos, principalmente, a partir dos anos de 1980 mostrando-se como objeto de investigação recente com demanda de pesquisas e mapeamento dos estudos existentes (LETA, 2003).

Esse Trabalho de Conclusão de Curso se desdobra da pesquisa maior que procura compreender as particularidades da participação das mulheres no processo de legitimação da Educação Física no âmbito universitário no Brasil. O projeto intitulado “Mulheres da Educação Física universitária no Brasil”, sendo realizado pela Profa. Dra. Ileana Wenetz, investiga de maneira quanti-qualitativa a trajetória, história e percepção subjetiva do campo de atuação das professoras. Dessa forma o presente trabalho se articula na primeira fase do desenho metodológico do projeto, levantando dados e mapeando professoras do CEFD afim de possibilitar melhor qualidade e aprofundamento para o debate.

2. Justificativa

O estudo se mostra importante na perpetuação da busca por maior visibilidade das mulheres no campo acadêmico e consequentemente na sociedade, visto que a trajetória histórica da ciência favoreceu um modelo masculino, principalmente na área da Educação Física. Portanto, esse estudo trata a Educação Física como antiga produtora de discriminações, mas com capacidade de superar tal contexto, trazendo um futuro igualitário, avanço de ideias inovadoras e criativas para diversas áreas científicas, bem como, a visão feminina para Educação Física, afim de promover novas perspectivas para essa área.

Ademais, a pesquisa torna-se imprescindível para evitar a invisibilidade das mulheres docentes no Centro de Educação Física e Desportos, pois a maioria dos dados se encontravam em documentos físicos danificados e envelhecidos. Sendo assim, o mapeamento trará facilidade a futuras pesquisas a qual englobarem as docentes do CEFD, a própria história do CEFD e/ou a produção científica das docentes da área.

3. Objetivos

3.1 Objetivo Geral

- Mapear a participação de mulheres docentes na produção científica na área educação física brasileira na década de 70 até os tempos atuais no CEFD/UFES.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar o contexto histórico responsável pelas desigualdades das questões de gênero e sexualidade na ciência no CEFD/UFES.
- Identificar as ideias relacionadas aos fatores origem da menor produtividade cientifica pelas mulheres docentes universitárias na área da Educação Física.

4. Marco teórico conceitual

4.1 Ciência e mulheres na Educação Física

Ao se analisar as décadas de 1960 e 1970, observa-se a existência de um marco na história da luta das mulheres por acesso ao conhecimento, denominado de “Segunda Onda Feminista”. Com base nesse tópico, não se pode deixar de salientar, aqui, que tal momento célebre não se caracterizou, apenas, por lutas pelo acesso à educação e ao ensino superior, mas, também, por expor e questionar o número reduzido de mulheres nos cenários científicos e tecnológicos e, concomitantemente, o défice de ofícios relacionados a estas áreas ocupadas pela coletividade feminina, principalmente, em ocupações de maior responsabilidade (ESTÉBANEZ, 2003).

Ademais, ao se refletir acerca das críticas feministas aos pressupostos da ciência moderna, entende-se que ela nunca foi neutra em termos de gênero, classe, raça e etnia. Sob essa ótica, ao se utilizar o conceito de gênero como ferramenta, as críticas feministas questionam os fortes rumos sexistas e androcêntricos presentes na ciência, pois assim como o gênero a ciência é uma construção sócio-histórica - fruto e efeito das relações de poder -, de modo que a construção científica não se encaixe na definição de universalidade, mas sim em algo local, contingente e temporário (RIBEIRO; SILVA, 2011).

Outrossim, não se pode deixar de expor o conceito de androcentrismo e as respectivas influências sobre o cenário científico. Com base nesse tópico, tal termo se refere à postura segundo a qual todos os estudos, análises, investigações e narrações partem de perspectivas unicamente masculinas e são tomadas como válidas para a generalidade dos seres humanos (OLIVEIRA, 2004). A tomar por base a conjuntura analisada, mostra-se importante contemplar, ainda, a convergência entre as feministas e Foucault (1995) no tangente ao fato de haver relações em que o poder se apresenta congelado, saturado e, consequentemente, imóvel e não fluido – pontos que caracterizam estados de dominação de forma assimétrica, linear e vertical (NARVAZ; NARDI, 2007). Nesse âmbito, observa-se como a razão androcêntrica sobre a ciência se enquadra nas principais características da sociedade patriarcal e, assim, tal convencimento torna-se fundamental para analisar o debate filosófico sobre a temática da igualdade, a fim de ampliar a compreensão da influência do

androcentrismo sobre os valores e os ideais vinculados ao exercício do poder na coletividade (OLIVEIRA, 2004).

Convém contemplar, aqui, também, as metodologias feministas que utilizam múltiplas perspectivas teóricas do respectivo movimento, a fim de contrapor sistematizações e epistemologias de uma ciência idealizada em pilares de positividade e de neutralidade (SANTIAGO, 2020). Assim, observa-se que as metodologias feministas apresentam papel fundamental no que tange ao rompimento de favoritismos e de discriminações da ciência dominante, ainda, difundida por diversas escolas metodológicas - fator que reforça os valores do coletivo específico composto por homens brancos, ocidentais e de classe média e, concomitantemente, marginaliza a outra parcela da população não integrante de tal grupo excludente. (NEVES; NOGUEIRA, 2004).

Outro fator a se mencionar, relaciona-se à escrita científica realizada de maneira determinante no gênero masculino. O problema, não se pode deixar de evidenciar, refere-se ao fato de haver a propagação de uma lógica social ordenada pela perspectiva do discurso masculino, apresentada com vestes de uma possível neutralidade. Por via de consequência, o cenário da produção de conhecimento sofre grave influências que o afasta cada vez mais da falácia de haver ciência neutra, pois esta e a escrita científica seguem regras do gênero masculino e, assim, propagam conhecimentos de proposições opressoras e patriarcais (SANTIAGO,2020).

Nessa perspectiva, tal exclusão já vem sendo datada desde o Século XVIII, onde a caracterização de gênero atribuída às mulheres se intensificou, ao disseminar cada vez mais o rótulo de que estas são pessoas cooperativas, cuidadosas e sentimentais – definições utilizadas como mecanismo para excluir as mulheres da ciência (SCHIEBINGER, 2008). Entretanto, não se pode deixar de mencionar, aqui, a visão de Zancan (BRASIL, 2006b) que irá relatar que homens e mulheres apresentam visões distintas e, assim, enfatizará a importância de se ter pesquisadores de ambos os sexos na ciência, pois de tal forma haverá a construção de uma visão mais ampla – fator que auxiliaria na desconstrução dos vieses sexistas e androcêntricos engessados nessa área.

Ao tomar por base a conjuntura mencionada, ao se analisar as últimas décadas, percebe-se que o envolvimento e a participação de mulheres na ciência sofreram uma ascensão considerável. Com base nesse ponto, é válido mencionar que no Brasil do

limiar do Terceiro Milênio encontra-se um significativo número de mulheres em universidades nacionais, como docentes e pesquisadoras, graduandos e pós-graduandos. Porém, apesar do aumento significativo da presença de mulheres nas ciências, não se pode deixar de expor que essa participação vem crescendo em uma dicotomia e a forma como isso acontece, fatalmente, ainda é inferior ao dos homens, bem como o avanço das mulheres que não segue a mesma proporção ao se compará-lo com o dos homens (SILVA, RIBEIRO, 2011).

Nesse sentido, depreende-se a não neutralidade da ciência no tangente às questões de gênero. Assim, não se pode deixar de salientar que a ciência moderna, composta majoritariamente por homens, opera de forma a excluir a coletividade feminina, em virtude da perpetuação de discursos e de prática distantes de neutralidade. Na esteira desse tópico, as definições vigentes de neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade da ciência incorporam a visão de mundo de sujeitos responsáveis pela criação desta: homens, ocidentais, brancos, membros das classes dominantes (SILVA; RIBEIRO, 2011). Isso, por si, denota o fato de tais valores masculinos, dos quais as mulheres são consideradas desprovidas por natureza, são considerados necessários na produção do conhecimento científico.

Deste modo, o viés sexista e androcêntrico que está enraizado na ciência se torna ponto principal nas discussões das pesquisas que estudam a forte relação entre ciência e gênero, onde buscam expor a dificuldade do reconhecimento da mulher no âmbito científico ou até mesmo sua restrição de práticas na mesma (SILVA; RIBEIRO,2011) ainda em seu texto, fundamentando-se em Michel Foucault, discute sobre uma ciência regulamentada e institucionalizada por normas, regras, saberes e verdades baseada na construção pelos contextos sociais, culturais e históricos.

4.2 Gênero, sexualidade e poder

Ao olhar para o contexto feminino na ciência faz-se necessário uma análise da história da sociedade e sua progressão, entendemos a ciência como uma construção histórico-social marcada por fatores econômicos, políticos e por relações de poder (LINO; MAYORGA, 2016). Nesse caminho as disputas de poder se revelam essências para tal entendimento, ao conceituar gênero estamos vislumbrando uma projeção de

expectativa em cima dos sexos, em formato de construção social, Foucault acrescenta que se deve buscar observar o poder como "(...) uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade" (FOUCAULT, 1977, p. 29) por ocorrer de forma cotidiana nas micro relações. Nesse contexto, Scott diz em seu artigo: "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" (1990) que na sociedade são dispostos estereótipos de gênero concebidos como construções sociais configurando os papéis adequados aos homens e às mulheres. Tais constructos limitam as atividades femininas principalmente no campo das ciências, lugar em que poderiam atribuir novas perspectivas e temas, "(…) o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente" (SCOTT, 1990, p. 73).

Ainda utilizando conceitos de Foucault, o poder em sua visão não se retém, contudo, se exerce, e para isso são necessários sujeitos capazes de resistir, capazes de se rebelar perante a força aplicada, pois para a existência de poder necessita-se existir resistência, caso contrário seria apenas violência, desse modo, torna-se mais simples entender que o poder não possui apenas potencial coercitivo, mas também atua sendo produtivo, com capacidade de induzir ideias e comportamentos, fabricar sujeitos e diminuir a força política de indivíduos.

Homens e mulheres nascem e se desenvolvem recebendo estímulos coercitivos e indução de gestos e práticas como formas de falar e agir, contexto em que se insere outros dois conceitos Foucaultianos, a disciplina e o biopoder, tratando-se a primeira de práticas minuciosas e cotidianas que constituem o indivíduo e a segunda do poder de controlar o "corpo-espécie" com capacidade de intervir nas relações de gênero, e no cruzar entre as duas concepções, Foucault enxerga a sexualidade traçando uma progressão histórica para nos contar sobre um corpo que não nasce sexualizado, contudo, se torna pelo exercício do poder, principalmente quanto aos corpos femininos.

Ao falar da política e poder faz-se necessário refletir sobre a pergunta: Quais cargos são historicamente ocupados por homens e por mulheres? Observando o ocorrido na Universidade Federal do Espírito Santo no ano de 2020, em que a Profa. Dra. Ethel Maciel venceu as eleições realizadas de maneira democrática para o cargo de reitora, a qual seria a primeira mulher nesta posição de poder na história da instituição, e acabou por ser preterida pelo governo do presidente Jair Messias

Bolsonaro (2019). Tal ocorrido evidencia na perspectiva acadêmico-científica um descompasso imposto socialmente as mulheres.

Ademais, ainda na perspectiva Foucautiana a sexualidade pode ser utilizada como dispositivo do exercício do poder e controle, no momento em que se levanta diferenças entre os sexos, baseadas principalmente nos aspectos biológicos, elevando determinadas características essências para determinada função e outras nem tanto, cria-se espaço para a dominação.

> Numa palavra, o dispositivo de aliança está ordenado para uma homeostase do corpo social, a qual é sua função manter, daí seu vínculo privilegiado com o direito, daí também, o fato de o momento decisivo, para ele, ser a 'reprodução'. O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não reproduzir, mais o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 2011, p. 117-118).

Portanto, através da sexualidade abre-se espaço para a imposição de normas. A norma, por conseguinte, é portadora de uma pretensão de poder (FOUCAULT, 2008, p. 57). De modo, a tanger o universo da mulher principalmente pelo processo de histerização do corpo feminino como mostrado em "Corpos e Papeis Sociais no Brasil no início do séc. XX" (2019) em que se discute como o corpo feminino foi normalizado tanto do ponto de vista epistemológico, quanto do ponto de vista social, de modo a integra-lo as práticas médicas via o uso da patologização e posteriormente a atribuição de papeis sociais de acordo com a ordem biológica. Mas vejamos o caminho metodológico de nossa pesquisa.

5. Metodologia

A metodologia qualitativa, trata-se de uma abordagem onde se empenha em analisar e interpretar vertentes mais detalhadamente, com definição, compreensão e reflexão com base em literaturas já disponíveis (AMARAL, 2007), bem como o método quantitativo onde nos possibilita apontar questões sobre determinados grupos. Com esse ponto de partida, foi realizado uma pesquisa bibliográfica em artigos, livros e revistas científicas na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SCIELO), periódicos na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google Acadêmico e na Biblioteca Digital de Periódicos, datados de 1970 a 2021. A busca se deu por unitermos “mulheres cientistas”, “ciência", "produção cientifica”, “gênero” e “educação física”. Foram encontrados apenas dois artigos na literatura que tratavam diretamente sobre o tema de mulheres cientistas na Educação Física, “Mulheres Cientistas nos cursos de Física e de Educação Física na Universidade Federal de Minas Gerais” (TEIXEIRA; FREITAS, 2016) e “Aspectos Acadêmicos e Profissionais sobre Mulheres Cientistas na Física e na Educação Física” (TEIXEIRA; FREITAS, 2015) o que levou o atual estudo a seguir o caminho da pesquisa documental, método o qual se utiliza de fontes primárias que não receberam tratamento analítico e científico (GIL, 2008), de modo a agregar/enriquecer a pesquisa bibliográfica.

A amostra de estudos constituiu-se por levantamentos científicos on-line e físicos em português e inglês completos e disponíveis. A princípio a literatura foi analisada por estudos previamente armazenados digitalmente pela professora orientadora, a qual vem acompanhando constantemente a literatura sobre mulheres no meio acadêmico. Além disso, todos os estudos foram realizados o fichamento e leitura de artigos citados por essas fontes primárias para sua inclusão no estudo.

Posteriormente, foi feito o levantamento e o diagnóstico de documentos do CEFD. Conforme declara Godoy (1995), a Análise Documental se caracteriza como um procedimento de pesquisa com propriedades e com finalidades de investigação específicas, além de apresentar capacidade de validar e de aprofundar dados obtidos por meio de outros procedimentos, a exemplo de entrevistas e de observação. Assim, tal mecanismo possibilita a identificação de mulheres docentes que atuaram no CEFD

e as respectivas produções acadêmicas - fatores que permitem a utilização da metodologia quali-quantitativa.

A busca dos dados das professoras que já atuaram no CEFD/UFES desenvolveu-se com ajuda da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), colegiado do CEFD, Diretoria de Gestão da Informação - Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (DGI/PROPLAN - UFES) e pelo Centro de Memória da Educação Física e do Esporte Capixaba (CEMEFEC) os quais disponibilizaram seus respectivos bancos de arquivos.

Faz-se importante salientar a aprovação do comitê de ética para o projeto principal - Mulheres da Educação Física universitária no Brasil – de qual esse trabalho se desdobra, assim possibilitando o uso de entrevista como meio de enriquecer os dados propostos.

A entrevista foi realizada com uma antiga professora do CEFD, Maria Inês Sonegheti, com consenso e permissão para gravação da mesma (apêndice 2), onde foi realizado dezessete perguntas da entrevista estruturada (apêndice 3) com duração de cinquenta minutos e cinquenta e dois segundos. A qual posteriormente foi usada para discussão e debates com os temas da pesquisa.

5.1 Processo de coleta e análise dos dados no CEMEFEC

O Centro de Memória da Educação Física Capixaba (CEMEFEC) (Figura 1) é um projeto desenvolvido com o objetivo de estudar, compreender, sistematizar, tratar, preservar e dar visibilidade à História da Educação Física e do Esporte Capixaba, local o qual ocorreu a busca e análise da maioria dos dados, pois não foram encontrados em nenhuma outra fonte, como o colegiado do CEFD, PROGEP, banco virtual de dados da UFES e arquivos digitais.

O processo se deu de forma manual, folheando arquivo por arquivo e coletando quaisquer dados referentes as antigas professoras do CEFD, de modo que as informações encontradas dentro dessa condição eram anotadas para no fim do expediente serem analisadas de forma a excluir dados repetidos ou sem fonte oficial do CEFD.

O Procedimento total desde o pedido de autorização até o fim da coleta demorou cerca de 30 dias devido a desorganização das caixas de arquivos, as quais não possuíam referências sobre o conteúdo dos arquivos dentro, a burocracia para conseguir acesso ao local além do cuidado que era necessário com os documentos para evitar possíveis danos ou prejuízos.

Figura 1 - Centro de Memória da Educação Física e do Esporte Capixaba (CEMEFEC)

Fonte: https://cemefec.org/

6. Resultados e discussão

Para uma melhor organização dos resultados, esse tópico se dividiu em três subcategorias, tendo como a primeira a - Presença feminina no corpo docente de ensino superior – para discussão das docentes do CEFD por sexo, a segunda - Presença dos gêneros nos departamentos no CEFD/UFES - para mapeamento das mulheres no Departamento de Ginástica e no Desportos, e a terceira - Produção científica das professoras do CEFD – para análise dos conteúdos produzidos e disciplinas ministradas dessas professoras.

6.1 Presença feminina no corpo docente de ensino superior

A fim de entender a presença destas mulheres no grupo de professores do ensino superior e na produção de ciência, foram buscados dados aferindo a quantidade delas e dos homens, por ano ou décadas, comparando-se a diferença entre sexos e trazendo o debate da literatura atual sobre o contexto.

Segue a baixo a única tabela existente, nos arquivos digitais da UFES, que correlaciona a presença de professores e professoras no CEFD, sendo este o motivo para os dados já iniciarem de 2014.

Docentes do CEFD por sexo				
Ano	**Sexo**		**Total**	**Percentual de homens a mais que mulheres**
	F	**M**		
2014	19	30	49	57%
2015	20	31	51	55%
2016	21	30	51	42%
2017	23	33	56	43%
2018	22	31	53	40%
2019	22	35	57	59%
2020	23	30	53	30%
2021	21	30	51	42%
Média de 46% a mais de homens do que mulheres				

Tabela 1: Docentes do CEFD por sexo incluindo professores titulares e substitutos

Fonte: Elaborado pela DGI/PROPLAN/UFES

Comparando-se o percentual de mulheres e de homens docentes no CEFD entre os anos de 2014 a 2021 (tabela 1), os homens se encontram como maioria dentro do centro. Os dados encontrados corroboram com a literatura existente, a qual aponta para um desencorajamento das mulheres em decidir ingressar na carreira acadêmica (TEIXEIRA, FREITAS, 2015) e ao optar por seguir carreira na academia a mulher se depara com dificuldades envolvendo tanto o aspecto privado (SILVA, RIBEIRO, 2014) quanto o acadêmico (TEIXEIRA, 2010). Sendo assim, podemos relacionar a porcentagem encontrada com o receio por parte das mulheres em relação as dificuldades que deverão enfrentar para atingirem titulações que as permitam se tornarem cientistas (professor/pesquisador), como:

1 - Conciliação da vida familiar com o trabalho, pois, geralmente são responsáveis pelo trabalho doméstico; 2 - a maternidade ponto crucial para mulheres que não apresentam uma condição financeira suficiente para deixarem seus filhos em creches e jardins de infância; 3 - a visão androcêntrica na sociedade, a quais são fortemente desestimuladas a seguirem nessa carreira; e pôr fim 4 - a falta de incentivo financeiro para viagens voltadas ao desenvolvimento na área (HAYASHI et al., 2007).

A conciliação da carreira científica com o trabalho doméstico, mesmo que a mulher apresente um maior poder aquisitivo, atinge diretamente o nível de produtividade das mesmas por não conseguirem produzir o quanto se esperaria, que se explica pela falta de dedicação, uso do tempo, em somente uma área (SILVA, RIBEIRO, 2014). Essa dupla exigência de tarefas, se torna mais difícil, quando deparada com outros conflitos, como a maternidade, conflitos a quais os homens dificilmente irão se confrontar em suas carreiras (VELHO, 2006).

O impacto da maternidade se torna mais evidente quando se olha para o estudo recente, 2019, feito pela *Parent in Science "The impact of Parenthood on the Scientific career in Brazil"* onde foi realizado uma pesquisa online com mulheres cientistas, das quais 78% eram mães, e na maioria dos casos elas eram responsáveis pelos cuidados infantis, evidenciando maior impacto nelas sobre os homens. Portanto, o impacto desse cenário reflete na baixa produtividade científica das mulheres em relação aos homens, que por outro lado demonstram não haver efeitos significantes da parentalidade na produtividade de publicações após o nascimento do filho.

Conciliar a maternidade e a profissão de cientista não se coloca como tarefa fácil, principalmente, em um ambiente marcado por alta competitividade e que demanda elevada produtividade para se destacar na área. A fala da Maria Inês Sonegheti corrobora com esse evento quando é perguntada sobre a atuação profissional durante a entrevista, a qual confirma que sempre possuiu dificuldade na área acadêmica e que somado a seus três filhos se tornou algo mais difícil:

> "Eu já possuía 3 filhos na época que eu estudava, um de 12 anos, um de 10 e uma menina de 3 meses. Isso foi muito difícil na questão da produção acadêmica. Mas não só por isso não, eu gosto muito de mim, porque eu sou muito da área técnica, mas na área acadêmica eu já tenho muita dificuldade" (SONEGHETI, 2022).

Com base nesse tópico, a representação social da maternidade, responsável por colocar a mulher em principal posição do cuidado dos filhos, fazem com que tais cidadãs se recusem ou adiem esse momento (SILVA, RIBEIRO, 2014). Vale observar, então, que a produção científica carrega, profundamente, traços da cultura na qual se insere, pois apresenta marcas da sociedade que a gerou e, concomitantemente, reflete as respectivas contradições sobre a organização interna e as aplicações (FILHO, CHAVES, 2000).

Com a pandemia do coronavírus 2019 (COVID-19), o impacto da maternidade se torna mais forte, uma vez que os pais terão que se dedicar mais tempo para a educar as crianças, o que afeta diretamente na produção científica, como é mostrado na *"Carta Science: Impact of COVID-19 on academic mothers" (2020)*. A diferença de gênero na ciência nesse momento de pandemia passou a reverter os avanços pela igualdade que as mulheres lutam constantemente, mesmo embora os pais acadêmicos não serem imunes aos impactos do confinamento, são as mães cientistas que carregam o maior peso da maternidade. Vale ressaltar, que na carta se torna presente a necessidade de criação de políticas mais inclusivas, flexíveis e igualitárias para todos afetados pela pandemia, principalmente as mulheres.

A visão androcêntrica, por sua vez, é ainda fortemente encontrada nas micropolíticas acadêmicas, não dando o devido valor as conquistas femininas, de modo a atrasar a entrada das mulheres nos programas de pós-graduação (TEIXEIRA, FREITAS, 2016). Silva e Ribeiro (2014) vai levantar essa questão relacionando a lógica público/masculino com privado/feminino, que se encontra enraizado nas

instituições científicas, relacionando o masculino à ciência, ou seja, um viés hierárquico.

Não se pode deixar de pontuar, também, que mesmo em um cenário de redução da desigualdade entre mulheres e homens no cenário social e, nessa perspectiva, em academias, a ciência apresenta como pilar fundamental a questão da produção cumulativa. Assim, o histórico caracterizado pela menor inserção feminina no cenário científico, ainda, influencia o presente (BARROS, MOURÃO, 2020), fator que expressa o fato de a carreira de mulheres na ciência sofrer impactos negativos, em virtudes de preconceitos relacionados às questões de gênero (GUEDES, AZEVEDO, FERREIRA, 2015).

6.2 Presença dos gêneros nos departamentos no CEFD/UFES

Afim de uma maior organização das docentes que atuam ou já atuaram no CEFD pelo Departamento de Ginástica e de Desportos, as tabelas 2 e 3 foram construídas em ordem cronológica através das décadas para melhor identificação do cargo e período de atuação das professoras, para posteriormente uma discussão/comparação sobre a mesma.

Cargo	Departamento de Ginástica	Período de Atuação
Professora	Guilma Machado Santanna	1948 - 1981
Professora	Geny Cúrcio	1962 - 1977
Professora	Olga Albert	1965 - 1993
Professora	Antonieta Ramos	Década de 70
Professora	Marta Porto Carneiro	Década de 70
Professora	Maura Abaurre	Década de 70
Professora	Rejane Maria Pimenta	Década 70 - 90
Diretora (88/92)	Conceição Apparecida Ferreira Vieira	Década de 80
Mestrado	Elusa Maria Santos	Década de 80 - 90
Diretora (1992)	Teresinha Maria Giacomin	1982 - 1993
Professora	Debora Aboudib	Década de 80
Prof. Doutora	Elaine Romero	1989 - 1997
Professora	Maria Delurdes Zanotti Guerra	Década de 80
Professora	Cély Barbosa Zambelli	Década de 90

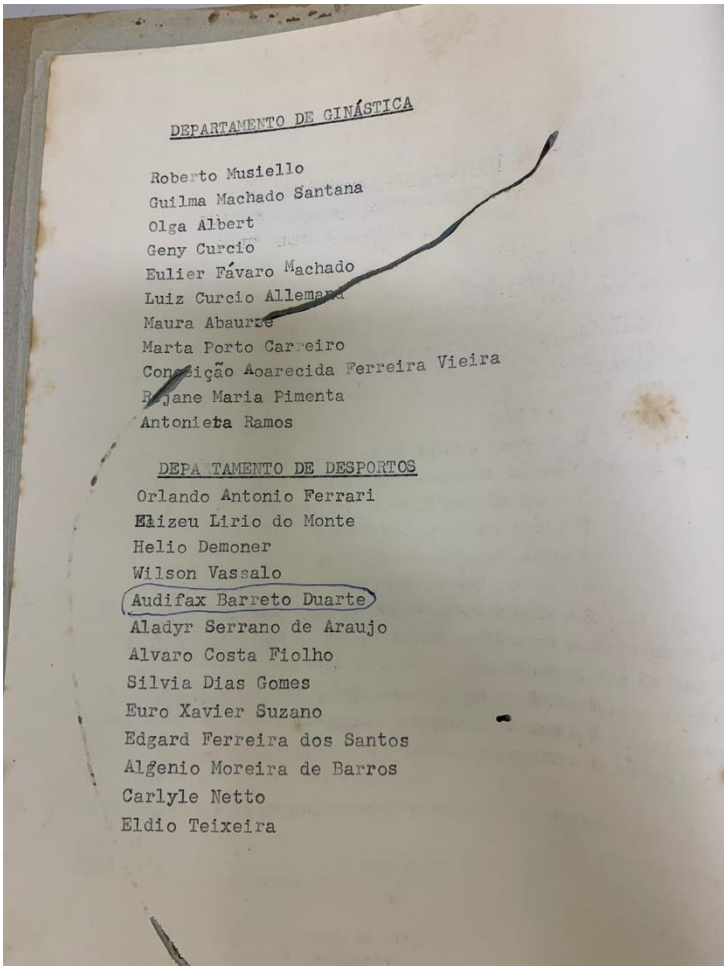
Professora	Marzi Perim dos Santos	Década de 90
Professora	Debora freire de araujo	Década de 90
Prof. Doutora	Fernanda Simone Lopes de Paiva	1994 - Atual
Professora	Ana Cecilia	Década de 90
Professora	Dayse Maria Gomes dos Santos	Década de 90
Professora	Maria Izabel dos Santos Allemand	Década de 90
Mestrado	Maria Inês Sonegheti	Década de 90
Diretora (2000-2004)	Maria de Fátima Monteiro da Silva	Década de 90
Professora	Maria Celilia Azevedo de Moraes	Década de 90
Prof. Doutora	Mara Lucia Cristan de Lomba Viana	1993 - Atual
Prof. Doutora	Sandra Soares Della Fonte	1997 - Atual
Prof. Doutora	Paula Cristina da Costa Silva	2009 - Atual
Prof. Doutora	Rosianny Campos Berto	2010 - Atual
Prof. Doutora	Ana Claúdia Silverio Nascimento	2010 - Atual
Prof. Doutora	Liana Abrão Romera	2010 - Atual
Prof. Doutora	Ligia Ribeiro e Silva Gomes	2011 - Atual
Prof. Doutora	Ileana Wenetz	2016- Atual
Prof. Doutora	Ana Carolina Capellini Rigoni	2017 - Atual

Tabela 2: Professoras Titulares do Departamento de ginástica que atuaram entre os anos de 1970 - 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados da tabela 3 demonstram a maior participação das professoras no departamento de ginástica seguindo o mesmo norteamento da literatura existente, a qual levanta hipóteses para explicar a escolha tomada pelas mulheres no momento de decidir a área de atuação. Nesse contexto, levanta a sugestão da influência das construções de gênero, visto que desde que os seres humanos chegam ao mundo já se existe os sistemas de poder e as expectativas sobre os gêneros (TEIXEIRA, FREITAS, 2016), e no decorrer do crescimento das meninas e meninos esse processo e reforçado pelas instituições escolares, determinando o que é próprio do masculino e do feminino (DUARTE, 2009).

Figura 2 - Relação dos professores dos departamentos do ano de 1973



DEPARTAMENTO DE GINÁSTICA

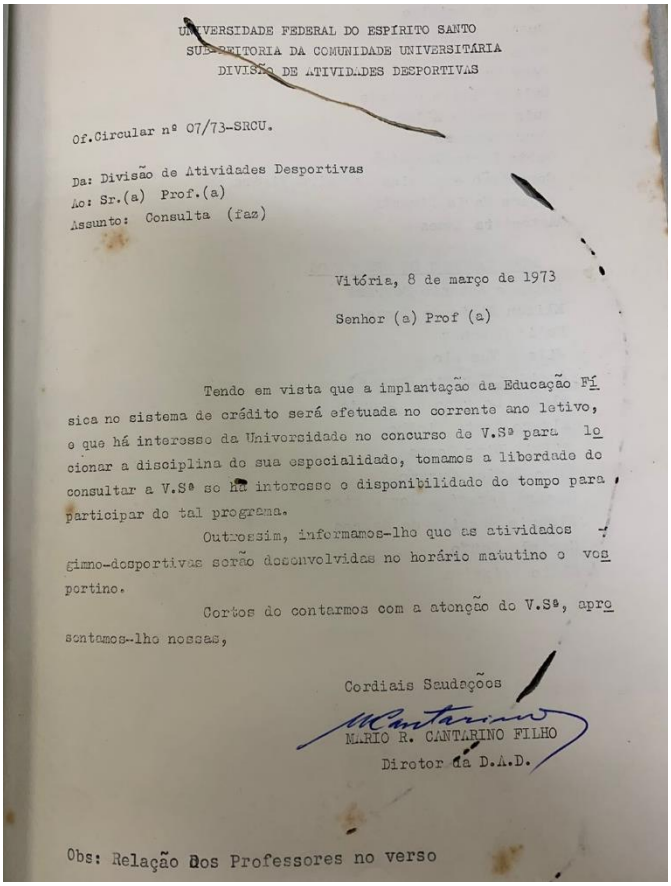
Roberto Musiello
Guilma Machado Santana
Olga Albert
Geny Curcio
Eulier Fávaro Machado
Luiz Curcio Allemand
Maura Abaurre
Marta Porto Carreiro
Conceição Aparecida Ferreira Vieira
Rejane Maria Pimenta
Antonieta Ramos

DEPARTAMENTO DE DESPORTOS

Orlando Antonio Ferrari
Elizeu Lirio do Monte
Helio Demoner
Wilson Vassalo
Audifax Barreto Duarte
Aladyr Serrano de Araujo
Alvaro Costa Fiolho
Silvia Dias Gomes
Euro Xavier Suzano
Edgard Ferreira dos Santos
Algenio Moreira de Barros
Carlyle Netto
Eldio Teixeira

Fonte: Foto tirada no CEMEFEC pelos alunos autores.

Figura 3 - Relação dos professores dos departamentos do ano de 1973



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
SUBREITORIA DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA
DIVISÃO DE ATIVIDADES DESPORTIVAS

Of.Circular nº 07/73-SRCU.

Da: Divisão de Atividades Desportivas
Ao: Sr.(a) Prof.(a)
Assunto: Consulta (faz)

Vitória, 8 de março de 1973

Senhor (a) Prof (a)

Tendo em vista que a implantação da Educação Física no sistema de crédito será efetuada no corrente ano letivo, e que há interesse da Universidade no concurso de V.Sª para locionar a disciplina de sua especialidade, tomamos a liberdade de consultar a V.Sª se há interesse e disponibilidade de tempo para participar de tal programa.

Outrossim, informamos-lhe que as atividades ginno-desportivas serão desenvolvidas no horário matutino e vespertino.

Certos de contarmos com a atenção de V.Sª, apresentamos-lhe nossas,

Cordiais Saudações

MARIO R. CANTARINO FILHO
Diretor da D.A.D.

Obs: Relação dos Professores no verso

Fonte: Foto tirada no CEMEFEC pelos alunos autores

É notável o maior número de disciplinas voltadas para ginástica e para dança no DG (tabela 4), que é explicado pelo contexto histórico do currículo da Educação Física. Vale ressaltar que, essas matérias eram voltadas mais para partes técnicas e teóricas com apenas reproduções de movimentos. Maria Inês Sonegheti debate esse modelo de aprendizado dizendo:

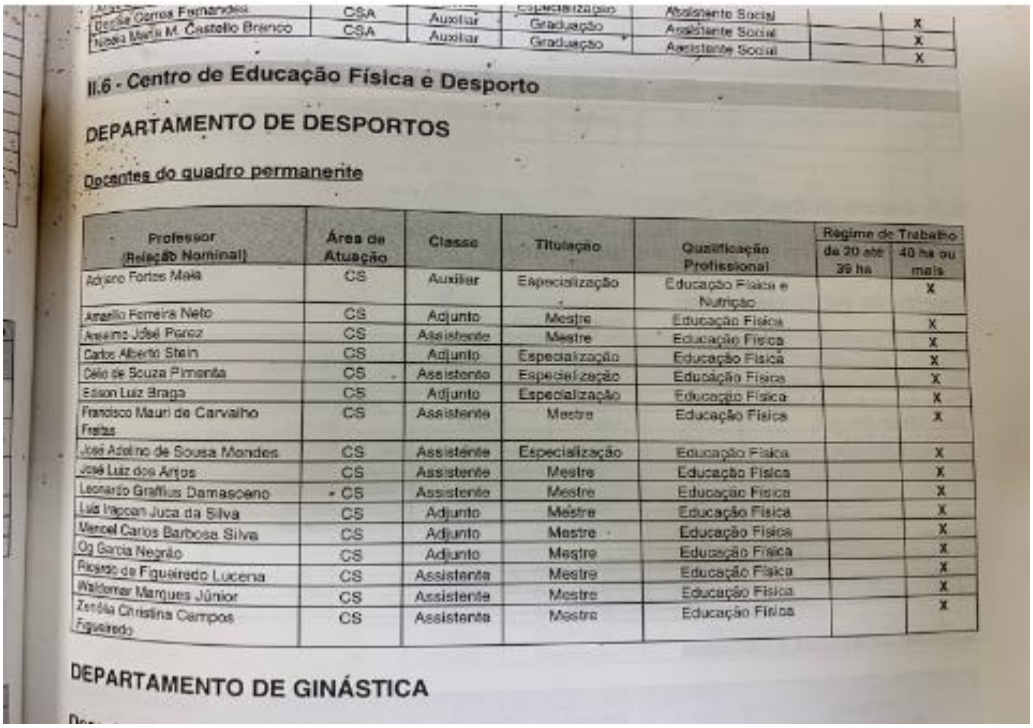
> “Eu mesma, durante esse período eu tive ainda um problema muito sério dentro com o departamento com essas mudanças, eu dava aula de dança e sala de aula, a dança que eu dava, que eu me oportunizei a buscar foi uma dança mais aberta mais livre, uma dança que a gente trabalha dança e expressão corporal, foi a dança Afro-Brasileira, foi também o início da dança afro-brasileira" (SONEGHETI, 2022).

A crítica ao modelo que é imposto essas práticas de educação de movimento, que estão sempre direcionadas ao rendimento é o fato de que através dessa reprodução os indivíduos acabam inibindo a expressão e apreciação da arte, não instigando a criatividade dos movimentos corporais dos alunos (PICCININI, SARAIVA, 2022). A dança Afro-Brasileira, citado pela professora, se torna um grande exemplo

de que além de proporcionar a ressignificação e a produção de novas culturas você estará implementando a arte do pensar, refletir e criar, que são de suma importância para estimular as potencialidades desses alunos, deixando de lado o modelo de reprodução (GONÇALVES, 1997).

Em paralelo, pode-se apontar que no aspecto da educação física escolar as mulheres são desencorajadas de alguns esportes, como as lutas por exemplo, devido à pressão exercida pelo seu arredor de que os seus corpos devem demonstrar delicadeza e fragilidade, enquanto, dos homens possuem força física para os desportos (SOUZA, ALTMANN, 1999). Sendo assim elas são direcionadas para áreas como a dança e ginástica mostrando que a Educação Física escolar modela os corpos femininos para a docilidade, a sedução, a graciosidade e os masculinos para a força (TEIXEIRA, FREITAS, 2016).

Figura 4 – Docentes do Departamento de Desportos em 1998



Denise Gomes Fernandes	CSA	Auxiliar	Especialização	Assistente Social		X
Nadia Maria M. Castello Branco	CSA	Auxiliar	Graduação	Assistente Social		X
			Graduação	Assistente Social		X

II.6 - Centro de Educação Física e Desporto

DEPARTAMENTO DE DESPORTOS

Docentes do quadro permanente

Professor (Relação Nominal)	Área de Atuação	Classe	Titulação	Qualificação Profissional	Regime de Trabalho	
					de 20 até 39 ha	40 ha ou mais
Adjano Fortes Maia	CS	Auxiliar	Especialização	Educação Física e Nutrição		X
Amarilio Ferreira Neto	CS	Adjunto	Mestre	Educação Física		X
Anselmo José Perez	CS	Assistente	Mestre	Educação Física		X
Carlos Alberto Stein	CS	Adjunto	Especialização	Educação Física		X
Délio de Souza Pimenta	CS	Assistente	Especialização	Educação Física		X
Edson Luiz Braga	CS	Adjunto	Especialização	Educação Física		X
Francisco Mauri de Carvalho Freitas	CS	Assistente	Mestre	Educação Física		X
José Adelino de Sousa Mendes	CS	Assistente	Especialização	Educação Física		X
José Luiz dos Anjos	CS	Assistente	Mestre	Educação Física		X
Leonardo Graffius Damasceno	CS	Assistente	Mestre	Educação Física		X
Luiz Ingcon Juca da Silva	CS	Adjunto	Mestre	Educação Física		X
Marcel Carlos Barbosa Silva	CS	Adjunto	Mestre	Educação Física		X
Og Garcia Negrão	CS	Adjunto	Mestre	Educação Física		X
Ricardo de Figueiredo Lucena	CS	Assistente	Mestre	Educação Física		X
Waltomer Marques Júnior	CS	Assistente	Mestre	Educação Física		X
Zenólia Christina Campos Figueiredo	CS	Assistente	Mestre	Educação Física		X

DEPARTAMENTO DE GINÁSTICA

Fonte: Foto tirada no CEMEFEC pelos alunos autores.

Cargo	Departamento de Desportos	Período de Atuação
Professora	Silvia Dias Gomes	Década de 70
Professora	Neusa Nunes Gonçalves Odenthal	Década de 70
Professora	Marivete Furtado de Oliveira	Década de 70 - 90

Professora	Alice Grepe de Mello	Década de 70
Professora	Maria Lucia Salarini Magalhães	Década de 80
Professora	Laura Dias	Década 80
Prf. Doutora Diretora (2010-2016)	Zenólia Christina Campos Figueiredo	1996 - Atual
Professora	Adelzira Madeira dos Santos	Década de 80
Prof. Doutora	Marcia Regina Holanda da Cunha	2008 - Atual
Prof. Doutora	Karine Jacon Sarro	2009 - 2016
Prof. Doutora	Jeyce Willig Quintino dos Santos	2011 - Atual
Prof. Doutora	Ana Paula Lima Leopoldo	2012 - Atual
Prof. Doutora	Natalia Madalena Rinaldi	2016 - Atual
Prof. Doutora	Mariana Zuaneti Martins	2016 - Atual

Tabela 3: Professoras Titulares do Departamento de desportos que atuaram entre os anos de 1970 a 2021

Fonte: Elaborado pelos autores

Por conseguinte, durante muitos anos do CEFD não existiu mais de uma mulher entre o corpo docente do departamento de desportos do ensino superior, segue em anexo as fotos dos documentos da equipe do departamento no passar das décadas, mostrando que apenas nos dias atuais o número de professoras se mostrou próximo do equilíbrio.

Em paralelo com a história dos departamentos do CEFD, Patrícia Pereira de Souza em sua dissertação de mestrado (2003) proporciona relatos dos antigos professores da instituição, tendo como objetivo estudar a história do CEFD e a prática de ensino de seus professores formadores, cuja metodologia foi realizada através de entrevistas e fontes diversas como: documentos oficiais, currículos, regimentos, regulamentos e periódicos. A dissertação se torna importante para o atual trabalho, através da coleta dos relatos de umas das docentes do CEFD, a prof. Guilma Machado Santana (atuou no centro entre os anos de 1948 a 1981), a qual deixou evidente como as relações de gênero e poder afetaram a educação física e a trajetória das mulheres.

> "(...) eu só trabalhava com a parte feminina, naquela época se achava que a Educação Física deveria ser dada professora para a parte feminina e professor para a parte masculina" (SOUZA, 2003, p. 57).

A prof. Guilma Machado Santana continua dizendo:

> “Atletismo, eles davam aula, parte de voleibol também professores davam aulas para as moças, basquete também os professores davam aula para a parte feminina (...) as professoras não davam aula para a parte masculina" (SOUZA, 2003, p. 58).

Deste modo, o viés sexista e androcêntrico que está enraizado na ciência se torna a principal hipótese para descrever o contexto histórico vivenciado pelas professoras do CEFD-UFES, as quais foram restritas de determinadas práticas de acordo com a vontade de poderes baseados nos valores do patriarcalismo, fortalecendo a dificuldade de reconhecimento da mulher no âmbito científico (SILVA; RIBEIRO, 2011).

6.3 Produção científica das professoras do CEFD

Afim de uma maior organização da produção científica ou disciplina ministrada pelas docentes que atuam ou já atuaram no CEFD pelo Departamento de Ginástica e de Desportos, as tabelas 4 e 5 foram construídas em ordem cronológica através das décadas para melhor identificação da área de estudo de cada professora, para posteriormente uma discussão/comparação sobre a mesma.

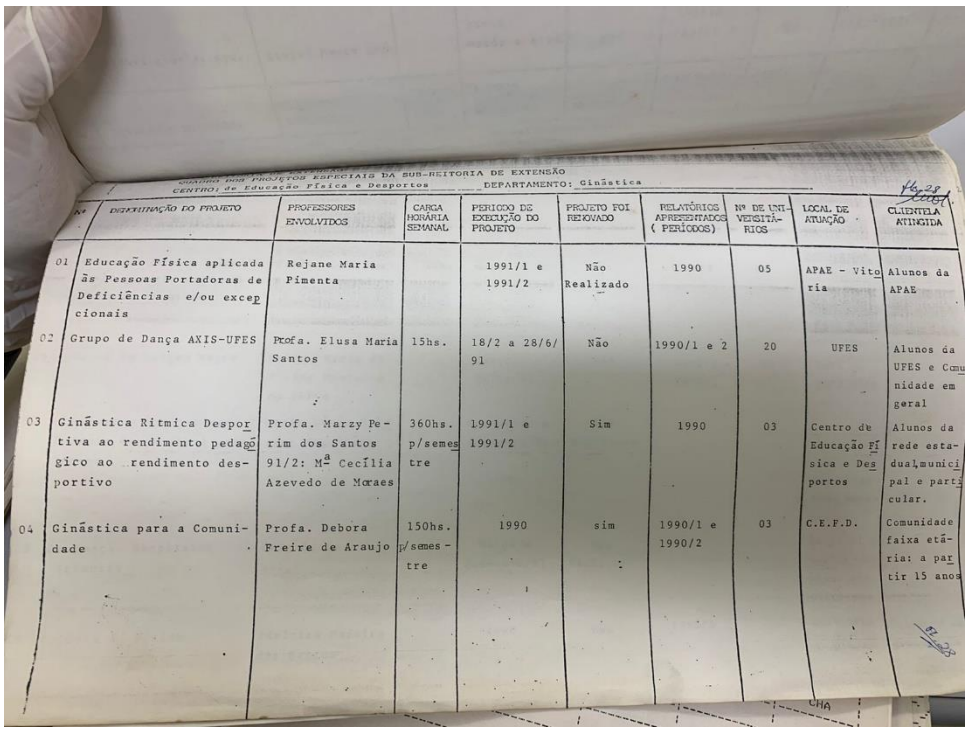
Departamento de Ginástica	Disciplina ou Produção Científica/Tese
Guilma Machado Santanna	Não consta produção científica
Geny Cúrcio	Não consta produção científica, trabalhou com ginástica olímpica
Olga Albert	Não consta produção científica, trabalhou com ginastica rítmica
Antonieta Ramos	Não consta produção acadêmica
Marta Porto Carneiro	Não consta produção científica
Maura Abaurre	Ministrou a disciplina de Dança
Rejane Maria Pimenta	Ministrou o projeto Educação Física aplicada as Pessoas Portadoras de Deficiência
Conceição Apparecida Ferreira Vieira	Ministrou disciplinas voltadas para dança

Elusa Maria Santos	Ministrou o projeto Grupo de Dança AXIS - UFES
Teresinha Maria Giacomin	Mestrado em Educação Física
Debora Aboudib	Ministrou ginástica feminina
Elaine Romero	TESE: Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física.
Maria Delurdes Zanotti Guerra	Ministrou a disciplina Ginástica Feminina
Cély Barbosa Zambelli	Ministrou o projeto recreação hospitalar infantil
Marzi Perim dos Santos	Ministrou o projeto de Ginástica Rítmica Desportiva ao rendimento pedagógico
Debora freire de araujo	Ministrou Ginástica Mista e projeto para ginástica para a comunidade
Fernanda Simone Lopes de Paiva	TESE: Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da educação física no Brasil
Ana Cecilia	Ministrou disciplina de ginástica.
Dayse Maria Gomes dos Santos	Ministrou a disciplina Ginástica Mista
Maria Izabel dos Santos Allemand	Ministrou disciplinas de ginástica
Maria Inês Sonegheti	Ministrou a disciplina Dança de Salão
Maria de Fátima Monteiro da Silva	Ministrou o projeto de Danças de Origem Negra
Maria Celilia Azevedo de Moraes	Ministrou o projeto de Ginástica Rítmica Desportiva ao rendimento pedagógico.
Mara Lucia Cristan de Lomba Viana	Tese: Estrela Cadente - A Gestão de Esportes/Lazer na SEME durante a administração de Luiza Erundina (1989/92)
Sandra Soares Della Fonte	Tese: As fontes heideggerianas do pensamento pós-moderno
Paula Cristina da Costa Silva	Tese: O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física
Rosianny Campos Berto	Tese: A constituição da escola activa e a formação de professores no Espírito Santo (1928-1930), Ano de obtenção: 2013.
Ana Claúdia Silverio Nascimento	Tese: Mapeamento temático de teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física no Brasil (1994-2008)

Liana Abrão Romera	Tese doutorado: Juventude, lazer e uso abusivo de álcool.
Ligia Ribeiro e Silva Gomes	Tese: O yoga no Serviço de Orientação ao Exercício (SOE) em Vitória: ambivalências acerca dos significados atribuídos a uma prática corporal oriental
Ileana Wenetz	Tese: Presentes na escola e ausentes na rua: brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade
Ana Carolina Capellini Rigoni	Tese: Corpos na escola: (des)compassos entre educação física e religião

Tabela 4: Produção acadêmica/tese das professoras titulares do departamento de ginástica
Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 5 – Projetos e disciplinas ministradas pelas docentes da década de 90



SITUAÇÃO DOS PROJETOS ESPECIAIS DA SUB-REITORIA DE EXTENSÃO
CENTRO de Educação Física e Desportos — DEPARTAMENTO: Ginástica

Nº	DENOMINAÇÃO DO PROJETO	PROFESSORES ENVOLVIDOS	CARGA HORÁRIA SEMANAL	PERÍODO DE EXECUÇÃO DO PROJETO	PROJETO FOI RENOVADO	RELATÓRIOS APRESENTADOS (PERÍODOS)	Nº DE UNIVERSITÁRIOS	LOCAL DE ATUAÇÃO	CLIENTELA ATINGIDA
01	Educação Física aplicada às Pessoas Portadoras de Deficiências e/ou excepcionais	Rejane Maria Pimenta		1991/1 e 1991/2	Não Realizado	1990	05	APAE - Vitória	Alunos da APAE
02	Grupo de Dança AXIS-UFES	Profa. Elusa Maria Santos	15hs.	18/2 a 28/6/91	Não	1990/1 e 2	20	UFES	Alunos da UFES e Comunidade em geral
03	Ginástica Rítmica Desportiva ao rendimento pedagógico ao rendimento desportivo	Profa. Marzy Perim dos Santos 91/2: Mª Cecília Azevedo de Moraes	360hs. p/semestre	1991/1 e 1991/2	Sim	1990	03	Centro de Educação Física e Desportos	Alunos da rede estadual,municipal e particular.
04	Ginástica para a Comunidade	Profa. Debora Freire de Araujo	150hs. p/semestre	1990	sim	1990/1 e 1990/2	03	C.E.F.D.	Comunidade faixa etária: a partir 15 anos

Fonte: Foto tirada no CEMEFEC pelos alunos autores.

Os temas com maior frequência dentre as publicações destas professoras (Tabela 4) estão relacionados aos assuntos de: Relações de gênero, dança, lazer, experiência em extensão universitária, educação e trajetória formativa e ginástica.

Acrescentando, as professoras do DG mais antigas (década de 70 a 80) não constaram produções científicas nos dados analisados, contudo, ministravam as disciplinas do CEFD-UFES e estavam à frente da elaboração de alguns projetos voltados para o campus e a comunidade.

Departamento de Desportos	Disciplina ou Produção Científica/Tese
Silvia Dias Gomes	Não consta produção científica
Neusa Nunes Gonçalves Odenthal	Ministrou a disciplina de Natação
Marivete Furtado de Oliveira	Ministrou a disciplina de Voleibol
Alice Grepe de Mello	Não consta produção científica.
Maria Lucia Salarini Magalhães	Ministrou o projeto Atividades Recreativas Terapia Ocupacional para Idosos.
Laura Dias	Especialização em fisiologia do exercício
Zenólia Christina Campos Figueiredo	Tese: Experiências Sociais no Processo de Formação Docente em Educação Física
Adelzira Madeira dos Santos	Trabalhou com recreação
Marcia Regina Holanda da Cunha	Tese: Efeitos agudos e crônicos da administração do extrato hidroalcóolico de Cecropia peltata L. sobre os sistemas cardiovascular e renal em ratos normotensos e espontaneamente hipertensos.
Karine Jacon Sarro	Tese: Proposição, validação e aplicação de um novo método para análise cinemática tridimensional da movimentação da caixa torácica durante a respiração.
Jeyce Willig Quintino dos Santos	Tese: Determinantes biológicos da comorbidade dos ataques de pânico com depressão e ansiedade de separação
Ana Paula Lima Leopoldo	Tese: Influência do tempo de exposição à obesidade sobre a expressão gênica e proteica do sistema regulador do trânsito de cálcio miocárdico.
Natalia Madalena Rinaldi	Tese: Controle de movimentos combinados em adultos jovens e idosos (caidores e não-caidores): a interação entre andar e pegar um objeto
Mariana Zuaneti Martins	Tese: Aperfeiçoando o imperfeito: a ação do sindicato dos jogadores de futebol no período do pós-Lei Pelé

Tabela 5: Produção acadêmica/tese das professoras titulares do departamento de desportos
Fonte: Elaborado pelos autores

Os temas com maior frequência dentre as publicações destas professoras (Tabela 5) estão relacionados aos assuntos de: Trajetória formativa, biomecânica, Organização neural do sistema de temporização circadiana em mamíferos, Obesidade, Fisiologia Cardiovascular e Sinalização de Cálcio Intracelular. As

professoras do DD das décadas de 70 também não possuíam produções científicas e doutorado, enquanto que na década de 80 já se iniciou um processo com produções científicas com números consideráveis, principalmente por parte da professora doutora Elaine Romero que já havia escrito tese nesse período.

Posteriormente, o número de produções científicas continuou subindo com o passar das décadas devido principal contribuição do aumento da participação das mulheres em instituições de ensino superior a partir da década de 80 (LETA, 2003), nesse contexto as professoras atuais, desde a incrementação do programa de pós-graduação no Brasil em 2006, já são contratadas na condição de doutoras.

Os temas de pesquisa apresentam linearidades dentro de seus departamentos, contudo, divergências entre eles, possíveis reflexos da maneira que ocorreu a construção científica, em que o departamento de desportos historicamente se compôs basicamente de homens e perspectiva masculina, enquanto o departamento de ginástica absorveu maior perspectiva feminina com pesquisas conscientizadas em assuntos de educação, dança, relações de gênero e formação curricular.

7. Conclusão

Para finalizar, os dados obtidos conversam com o norteamento atual da literatura e mostram que a história de muitas mulheres seriam apagadas e omitidas caso não houvesse trabalhos desse cunho, além de apontar para a existente necessidade de mais artigos discutindo a temática, visto que mesmo ao considerar todos os bancos de dados científicos do Brasil o número de artigos é pequeno em comparação com a de outros debates, se especificar à área da educação física os números se mostram ainda piores, menos de 10 artigos relacionados a produção científica das mulheres na educação física.

Em primeira análise, os resultados obtidos mostram notável discrepância da quantidade de professoras do departamento de ginástica para o departamento de desporto desde a década de 70 aos dias atuais no CEFD demonstrando em um primeiro momento concordância com o debate proposto por Erineusa Maria da Silva, Ileana Wenetz, Elda Alvarenga na produção “A representatividade feminina e o exercício da docência no ensino superior” em que as questões de gênero influenciam no seu posicionamento dentro do corpo docente de ensino superior.

Em segunda análise, nota-se que o número de ocupações de mulheres nos cargos de liderança no centro, como na Pró-Reitoria e diretoria do CEFD é muito menor em comparação aos homens. Novamente em concordância com a literatura existente, a qual levanta possíveis explicações como: A educação da mulher que não favorece o fator agressividade (suma importância para cargos de maior relevância) e das instituições acadêmicas e científicas serem dominadas por homens, reforçando o estereótipo da figura masculina como único capaz de exercer tais funções. Além da existência de um conjunto de “barreiras” que minimamente desaceleram o processo de ascensão das mulheres, sendo eles: à dupla jornada de trabalho, à maternidade, à produtividade em pesquisa, à competição, ao preconceito e discriminação de gênero.

Em paralelo, associar as cientistas com a condição de menor produtividade científica se mostra equivocado, ao menos no CEFD-UFES, visto que o contexto histórico delas na ciência se iniciou muito posteriormente em comparação aos

homens, além da menor presença feminina dentro do corpo docente de ensino superior.

8. Referências

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica.** Fortaleza: UFC, 2007.

BARROS, J.; ALVES FLORES, I. L. F. Corpos e papéis sociais no Brasil no início do séc. XX. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 256–269, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.41141. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/41141. Acesso em: 19 jul. 2022.

BARROS, S. C. DA VITÓRIA; MOURÃO, l. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. **Psicologia em Estudo** [online]. 2020, v 25 [Acessado 30 junho 2022]. Disponível em <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.46325>. Epub 19 jun. 2020.

TEIXEIRA, A. B. M; FREITAS, M. DE ALMEIDA. Aspectos acadêmicos e profissionais sobre mulheres cientistas na Física e na Educação Física. **Revista Ártemis**, *[S. l.]*, v. 20, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/27045. Acesso em: 29 jun. 2022.

TEIXEIRA, A. B. M; FREITAS, M. DE ALMEIDA. Mulheres cientistas nos cursos de Física e de Educação Física na Universidade Federal de Minas Gerais. **Rev. Instrumento** v. 18 n. 1 (2016).

Bolsonaro ignora lista tríplice e nomeia reitor da UFES líder da campanha da primeira colocada. APUFSC Sindical, Santa Catarina, 23, março de 2020. Disponível em: https://www.apufsc.org.br/2020/03/26/bolsonaro-ignora-lista-triplice-e-nomeia-reitor-da-ufes-coordenador-da-campanha-da-primeira-colocada/#:~:text=Independente%20de%20nossas%20pautas%20e,24%20de%20mar%C3%A7o%20de%202020. Acesso em: 22, jun. 2022

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). 2006b. ***A ciência brasileira descobre a competência feminina*: Glaci Zancan.**

BRUSCHINI, C; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 64, fev., 1988.

CHAVES FILHO, M. M. F.; CHAVES, S. M. L. F. **A ciência positivista: o mundo ordenado.** Iniciação Científica Cesumar, v. 2, n. 2, p. 69-75, ago./dez. 2000.

ESTÉBANEZ, M.E. **As mulheres na ciência regional: diagnóstico e estratégias para a igualdade.** Traduzido por: Sabine Righetti., 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/10.shtml>

DUARTE, G. P. **Relações de gênero no currículo de uma escola profissionalizante de Minas Gerais: estudo de caso dos cursos de técnicos de Mecânica e Química.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – CEFETMG, Belo Horizonte, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, SP, v.26, n.2, 199.

GONÇALVES, M. A. S. A Educação Física. In: GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1997. p. 133-170.

GUEDES, M. C.; AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. O. (2015). **A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq.** *Cadernos Pagu*, *45*, 367-399.

HAYASHI, M. C. P. Innocentini et al. **Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia.** Transinformação. 2007, v. 19, n. 2, pp. 169-187. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/Ls7NZzhhV6fh3ksyP4LfsBQ/?lang=pt#>. Epub 12 Set 2014.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS - IPT. **A mulher na ciência e na Tecnologia.** Disponível em: <http://www.ipt.br/institucional/campanhas/8-a_mulher_na_ciencia_e_tecnologia.htm>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9956. Acesso em: 27 jan. 2022.

LETICIA, S. M; et al., **"Parent in Science: The Impact of Parenthood on the Scientific Career in Brazil,"** 2019 IEEE/ACM 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE), 2019, pp. 37-40.

LINO, T. R.; MAYORGA C. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Rev. Arquivos.** v. 7 n. 3 (2016).

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e poder. In: SILVA, T.T.(Org). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed**.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2003. p. 37-57.

MARTINS, M. Z; WENETZ, I. Gênero e etnografia: implicações teórico-metodológicas para pesquisar nas práticas educacionais. **Revista fórum identidades**, v. 32, p. 115-130, 2020.

MEYER, D. E. Gênero e educação: Teoria e política. In G. L. Louro (Org.), **Corpo, gênero e sexualidade:** Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes. 2003.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: **Edições Graal**, 2011, p. 117-118.

NARVAZ, M; NARDI, H. C. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 45-70, mar. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 maio de 2022.

NEVES, S; NOGUEIRA, C. (2004). Metodologias feministas na psicologia social crítica: A ciência ao serviço da mudança social. **Revista Ex Aequo**, 11, 123-138.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**. Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez., 2011. Disponível em:

<revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/240/208>. Acesso em: 11 jan. 2022.

OLIVEIRA, R. M. R. Para uma crítica da razão androcêntrica: gênero, homoerotismo e exclusão da ciência jurídica. In: **Revista Sequencia**, nº 48, p. 41-72, jul. de 2004

PASSINATO, C. B. **Atuação da mulher na ciência**, 2008. Curiosidades e Atualidades em Química, Revista Eletrônica de Ensino de Química, Vol. 1, No. 1. Disponível em: <http://http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAjX0AE/atuacao-mulher-na-ciencia#>. Acesso em 22 jan. 2022.

PICCININI, L.; SARAIVA, M. C. A Dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola. **Pensar a prática**, v. 15, n. 3, p. 551-820, jul./set. 2012.

SARDENBERG, Cecilia. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?**. Labrys. Estudos Feministas (Online), v. 11, p. 45, 2007.

SANTIAGO, E. Desafios no/do Percurso Metodológico de Mulheres Pesquisadoras: Reflexões Subversivas da Ideia de uma Ciência Neutra. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 24, n. 2, ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/68098/41447>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SCHIEBINGER, L. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 269-281, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.15, p. 5-22, jul./dez. 1990. Número especial Mulher e Educação.

SILVA, F. F; RIBEIRO, P. R. C. **Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher"**. Ciência & Educação (Bauru) [online]. 2014, v. 20, n. 2 [Acessado 29 Junho 2022], pp. 449-466. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. **A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero**. Revista Labrys Estudos Feministas, n. 10, 2011.

SILVA, E. M.; WENETZ, I.; ALVARENGA, E. A representatividade feminina e o exercício da docência no ensino superior. **Revista Capa**, V. 23, n. 3 (2021).

SOUZA, P. P. **Constituição do ensino superior de Educação Física no Espírito Santo (1931 a 1972).** Belo Horizonte, 2003. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física.** Cadernos CEDES, v. 19, n. 48, p. 36-48, ago. 1999.

STANISCUASKI, F. et al. Impact of COVID-19 on academic mothers. **Science**, v. 368, n. 6492, p. 724-724, 2020.

TEIXEIRA, A. B. M. **Distinção de Gênero e seus Reflexos na Rotina Escolar de Docentes e Discentes.** In: TEIXEIRA, A. B. M. (org.). Temas Atuais em Didática. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 83-104, 2010.

VELHO, L. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (Org.). **Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento**. Londrina: IAPAR, 2006. p. 13-18.

Apêndice 1 - TERMO DE ANUÊNCIA

Aceito que as pesquisadoras Ileana Wenetz docente do curso em Educação Física no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolve a pesquisa intitulada "**Mulheres da Educação Física universitária no Brasil**", tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Ileana Wenetz vinculado(a) ao CEFD/UFES.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue:

1. O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS n. 466/2012 e do Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS ;
2. A garantia de solicitar a receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
3. No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento de pesquisa sem penalização nenhuma.

O referido projeto poderá ser realizado na sala de aula virtual através de uma entrevista semiestruturada ou presencial e poderá ocorrer somente após a aprovação do Comitê de ética em pesquisa da UFES (CEP/UFES/Campus Goiabeiras), e registrado na Comissão Nacional de ética em Pesquisa do Ministério de Saúde.

Vitória, 1/11/2021

Ileana Wenetz (27)98133-55511

Email:ileana.wenetz@ufes.br

Otávio Guimarães Tavares da Silva DIRETOR/CEFD/UFES

Apêndice 2 – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Apêndice 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Universidade Federal do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Você está convidada para participar, como voluntária, da pesquisa **"Mulheres da Educação Física universitária no Brasil"**, desenvolvida pelas pesquisadoras Dra. Ileana Wenetz, Dra. Christiane Garcia Macedo e Dra. Ivana Verónica Rivero.

Justificativa: Sabe-se pouco sobre quem são essas mulheres, como tem atuado e como tem trabalhado na nossa área. Existem pesquisas explorando a temática, mas são direcionadas nas ciências exatas. Quem são essas mulheres? O que tem feito? Quais percalços percorrer e quais debates enfrentam definem o processo histórico vivenciado pela nossa área e visualizar quem são essas mulheres para a Educação Física como um todo. Entender a produção histórica dessas trajetórias nos ajudará a construir representatividade para as futuras professoras pesquisadoras e também contribuirá para trazer outras narrativas sobre a própria Educação Física. Além disso, auxiliará a reconhecer a Educação Física como uma área que produziu discriminações, mas que pode superá-las.

Objetivo geral: Compreender particularidades da participação feminina nos processos de legitimação da Educação física no âmbito universitário no Brasil a partir da década de 1970. Objetivos específicos: a) Identificar quais são as professoras mulheres que têm contribuído para a histórica da educação física brasileira a partir da década de 1970. b) Descrever suas trajetórias, histórias e sua percepção subjetiva sobre o percurso percorrido e o campo de atuação.

Procedimentos: Será feita a aplicação de uma entrevista de História Oral online ou presencial. Estima-se cerca de 1 hora e meia. A escolha das participantes será feita a partir dos critérios de inclusão definidos, da participação voluntária, e do aceite da entrevistada.

Riscos: Os procedimentos adotados nessa pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. O risco é de caráter psicológico porque no decorrer do desenvolvimento da entrevista pode haver alguma situação na qual você se sinta constrangida. Nesse sentido, você pode manifestar sua insatisfação e interromper a sua participação. Toda a equipe foi treinada para evitar que sua participação na pesquisa lhe traga qualquer tipo constrangimento. Os conteúdos das entrevistas poderão ser apresentados por meio de artigos e trabalhos acadêmicos, assim como sua identificação, voz e imagem poderão ser veiculados através das fotos e vídeos produzidos ao longo das entrevistas, em exposições de caráter científico, artístico e cultural.

Benefícios: Refletir sobre a sua contribuição para a formação da área e dos caminhos trilhados que podem facilitar o desenvolvimento das mulheres na área Educação Física. Visibilizar o trabalho de mulheres no campo acadêmico.

Garantias: Mesmo que você aceite participar agora, você poderá voltar atrás ou retirar a autorização de participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e o fato de nãoquerer participar não vai trazer qualquer penalidade. As pesquisadoras divulgarão o nome das participantes (conforme Termo Anexo). Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Caso você sofra eventual

dano decorrente da pesquisa, é garantido a você direito a buscar indenização, conforme atesta a resolução 466/12. Em caso de gasto com sua participação na pesquisa, ressarciremos eles.

A via do termo assinada pela pesquisadora será disponibilizada à participante via email disponibilizado.

Visando diminuir os riscos virtuais, que seriam de divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE), como recomendado no Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS será feito o download de todos os termos, não deixando nenhum registro online ou em nuvem.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Você receberá uma via deste documento, que deverá ter todas as páginas assinadas e rubricadas por você, pela pesquisadora responsável e pelo(a) pesquisador(a) assistente.

OBSERVAÇÃO: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Preencha, por favor, os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Confirmo que recebi uma via deste termo de consentimento, ficando outra via com a pesquisadora (ou assistentes), e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Maria Inês Sonaglio

Nome da participante da pesquisa

Assinatura da participante da pesquisa

Edson Boschini Junior

Assinatura do(a) pesquisador(a)/entrevistador(a)

Assinatura da pesquisadora responsável

CONSENTIMENTO PARA DIVULGAÇÃO DA IDENTIDADE

Autorizo a divulgação de minha identidade a partir da publicação dos resultados deste trabalho, no que se incluem os registros por meio de entrevistas, vídeos e fotografias.

Maria Inês Sanechetti

Nome da participante da pesquisa

Assinatura da participante da pesquisa

Edson Machado Junior

Assinatura do(a) pesquisador(a)/entrevistador(a)

Assinatura da pesquisadora responsável

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Eu, Maria Inês Sanechetti, nacionalidade Br., estado civil Viuva, profissão professora, inscrito no CPF sob o nº 656626367-53 e RG sob o nº 244269 - ES, residente e domiciliado em Av. Norte-Sul, 295, Jacaraipe - SERRA (endereço), autorizo, de forma inteiramente gratuita, nos termos do inciso X, do art. 5º da Constituição Federal do Brasil, e nos termos da Lei 9.608/1998, o uso da minha imagem para fins de divulgação da minha participação no projeto **"Mulheres Da Educação Física Universitária No Brasil"**, coordenado por Ileana Wenetz, por meio de atividades de caráter científico, extensionista, artístico e cultural.

Local e data: CEFD - UFES 14/07/22

Nome: Maria Inês Sanechetti

Assinatura:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, por gentileza, entre em contato com a responsável:

Ileana Wenetz
Universidade Federal do Espírito Santo Centro de Educação Física e Desportos CEP 29.075 – 910
Fone: (27) 98133-5511
E-mail: ileana.wenetz@ufes.br

Caso você tenha alguma denúncia ou intercorrência com relação a essa pesquisa, por gentileza comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UFES pelo telefone (27) 3145 – 9820, por e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, ou pessoalmente ou pelo no correio no endereço abaixo:
Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais – Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória – ES – CEP: 29.075 – 910 Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo.

Apêndice 3 - Roteiro das Entrevistas

1. Dados pessoais/gerais

- ✓ Qual é seu nome completo?
- ✓ Qual é sua idade?
- ✓ Qual é sua identidade de gênero?
- ✓ Qual é sua orientação sexual?
- ✓ Qual é sua naturalidade?
- ✓ Como você definiria sua raça/etnia?
- ✓ Qual é sua religião?
- ✓ Onde leciona/lecionou?

2. Formação

- ✓ Como se interessou pela Educação Física?
- ✓ Poderia nos falar um pouco sobre a sua formação? Quando, onde e como foi sua formação inicial em Educação Física (Curso Superior)?
- ✓ Como eram as turmas?
- ✓ Seu curso estava mais relacionado com que correntes da Educação Física? Quais eram os conteúdos privilegiados?
- ✓ Como era seu nível econômico e familiar nessa época?
- ✓ Como foi sua formação em relação com os homens e mulheres, colegas e professores?
- ✓ Quando se formou na graduação percebeu alguma diferença entre as mulheres e homens no início da carreira?
- ✓ Poderia nos contar sobre a sua pós-graduação? Onde, quando, quem foi seu/sua orientador/a? Que temas trabalhou?
- ✓ Por que resolveu fazer pós-graduação?
- ✓ Como foi sua relação com os/as demais colegas e docentes?
- ✓ Como era seu nível econômico e familiar nessa época?
- ✓ Percebia alguma diferença entre o tratamento dado a homens e mulheres nesse nível de formação?
- ✓ Tem algo que gostaria de destacar em relação à sua trajetória na formação? (apoios, condições, dificuldades, incentivos, trabalhos...).

3. Atuação:

- ✓ Poderia nos falar um pouco sobre a sua experiência docente na Educação Física?
- ✓ Por que decidiu ser professora?

- ✓ Quais disciplinas você lecionou?
- ✓ Que instituições você chegou a ter vínculo funcional?
- ✓ Como você se descreveria como professora?
- ✓ O que você destacaria em relação à sua vida de professora?
- ✓ Durante sua atuação docente percebeu alguma diferença de tratamento por ser mulher?
- ✓ Em relação à pesquisa, por que decidiu ser pesquisadora?
- ✓ Que temas trabalhou?
- ✓ Por quais grupos de estudo passou?
- ✓ Que veículos de divulgação científica você privilegiou e por quê?
- ✓ Como é ser pesquisadora da Educação Física no Brasil? O que destacaria? Quais os principais desafios?
- ✓ Quando vai a evento e realiza palestras percebe alguma diferença de tratamento em relação a homens e mulheres?
- ✓ Você ocupou algum cargo de liderança? Quais desafios tinham implícitos nele?
- ✓ No geral, como tem se dado essa relação com o “ser mulher” na atuação profissional?
- ✓ Como você entende ser mulher na Educação Física brasileira?
- ✓ Como você visualiza o percurso recorrido pelas mulheres na docência universitária?
- ✓ Quais desafios ainda nos faltam?
- ✓ Você gostaria de narrar, questionar ou colocar algum elemento que não perguntamos? Ou deixar algum comentário final?

Apêndice A – Entrevista transcrita

ENTREVISTA COM A PROFESSORA 1 (MARIA INÊS SONEGHETI)

Arquivo: A 1 – Tempo de gravação: 50 min. e 52 segs.

Realizada em 14 de julho de 2022

P. Qual é seu nome completo?
C. Eu sou Maria Inês Sonegheti.

P. Qual é sua idade?
C. Eu tenho 73 anos.

P. Qual é sua orientação sexual?
C. Eu fui casada, né. Tive 3 filhos, 4 netos, deu pra entender que sou hétero ne, mas, apesar disso, não sou contra nada, tenho uma filha que é casada com outra menina e sou totalmente mente aberta para tudo isso, graças a deus.

P. Qual é sua naturalidade?
C. Sou daqui do Espirito Santo, nascida aqui no estado, em Vitória.

P. Como você definiria sua raça/etnia?
C. Minha primeira etnia é italiana, porque meu pai veio da Itália né, mas minha mãe ela tem 3 etnias (espanhola, índia e uma avó que era escravo), mas o italiano ficou muito forte, por que meu pai veio de lá, é italiano mesmo, aquele de cabelo vermelho.

P. Qual é sua religião?
C. Eu sou espirita né, já a 38 anos, mas eu nasci na igreja católica, filha de maria, quem é católico entende isso né, mas acima de tudo eu amo a deus, independente de religião.

P. Onde leciona/lecionou?
C. Desde que me formei dou aula aqui, pois fiz uma prova quando me formei, eu era estagiária né, extensão universitária, dava aula de dança para variar né, eu tinha uma turma né... e levava elas para fora, então eu fiz uma prova que na época não tinha concurso, mas a gente tinha que fazer uma prova para provar que tínhamos condições de estarmos aqui, eu dei aula no Maria Ortiz, aula de dança como estagiária.

P. Como eram as turmas?
C. Eram enormes, não tinham divisão para mim, por que eu dava aula de ginástica e de dança, eu tinha cento e tanto alunos em sala de aula, eu dava aula de dança de salão.

P. Como era seu nível econômico e familiar nessa época?

C. Era baixo, muito baixo, eu comecei... dificultou muito, mas, eu sou sempre assim... meto a cara, eu comecei a estudar mesmo na escola primária, eu comecei a estudar com 9 anos, porque eu quis ir para a escola, ai minha mãe era uma pessoa acamada, sempre foi muito doente e eu sou a última filha de doze filhos, eu vim muitos anos depois do último, sou a rapa do taxo como chamam, e por minha causa minha mãe fugiu de casa, nós moramos em São José lá em Linhares, o lugar hoje virou um bairro ne, e esse lugar era uma fazenda que era da minha mãe na verdade ne, meus avos por parte de mãe deram de dote para meu pai que chegou da Itália, ele era jovem tinha 10 anos ne, e foi uma conversa entre pais que deram ela para ele como dote, mas, a fazenda era dela ne, e quando minha mãe ficou gravida de mim, meu pai pensou que não era filha dele, devido a história dele, ele era construtor e ficava muito tempo fora, ele construía casa para pessoas, e ele tinha esse trabalho, esse dom, ai quando ele voltou para casa minha mãe já estava quase de 9 meses. Então ela fugiu porque ele disse que ela ia matá-la. E aí eu vim junto com ela na barriga dela ne, e vim parar aqui em vitória, e hoje olhando para trás vejo que foi maravilhoso. Minha mãe era professora. Até 9 anos ela me ensinou tudo. Quando eu entrei na escola eu já sabia tudo que os meninos sabiam, enfim. Aí eu fui estudando e tendo que trabalhar, tendo que trazer comida para minha mãe, cuidar da minha mãe. Os outros ficaram no interior, meu pai e irmãos. Eu era sozinha e morava no Romão, morro de Jucutuquara. Então nessa escola, padre Anchieta a diretora foi lá em casa, pediu para minha mãe assinar e virou minha tutora, e me deu todo o apoio para estudar na escola, aí com o apoio eu também consegui estudar o segundo grau, fazer o vestibular e entrar aqui, foi uma pessoa assim... me deu 8 anos de bale clássico. Eu era a baliza da escola dela, eu era o coelhinho, papai Noel dela, ela pedia pra eu cantar eu fazia, enfim. Graças a deus, foi ela que me deu esse apoio.

P. Tem algo que gostaria de destacar em relação à sua trajetória na formação?

(apoios, condições, dificuldades, incentivos, trabalhos...).

C. Essa diretora, tanto ela quanto minha mãe eu perdi todo mundo e eu tive que tocar sozinha, mas tive muitas pessoas boas né no caminho que me deram apoio, e o que eu quero dizer assim, que é o mais interessante no momento, é que quando eu entrei na universidade eu vim para fazer 2 cursos que a gente tinha direito de buscar de fazer vestibular para entrar em qualquer um dos 2 cursos, as minhas opções eram Serviços Sociais primeiro e Psicologia segundo, quando eu entrei para me inscrever no vestibular era aqui no CEFD que a gente fazia essa inscrição, eu entrei pela porta que passa pela sala de dança. Eu to em uma fila enorme ouvindo uma música maravilhosa, todo mundo gritando, e gente o que é tudo isso? Fui lá olhar, falei me espera aqui um pouquinho e fui lá olhar. Quando cheguei lá uma sala com GRD, uma sala com ginástica olímpica, as meninas todas pulando e uma sala com dança com balé clássico, e eu tava no balé clássico naquela época e eu falei, gente é tudo que eu quero na minha vida, o que eu vou fazer lá no serviço social na psicologia, o que eu vou fazer lá? E quando eu coloquei o pé lá para assinar, coloquei educação física, entrei direto nem perguntei segunda opção, fiz o vestibular passei de primeira e no segundo período eu já estava estagiando, já estava lá em Cariacica com esses meninos que eu falei com vocês.

P. Quando se formou na graduação percebeu alguma diferença entre as mulheres e homens no início da carreira?
C. A relação era ótima, muito poucos homens, sempre né, sempre assim, eu nunca me dei bem com desportos, mas eu era muito boa com ginástica olímpica, principalmente quando era aquele trabalho livre que você faz sem o grupo, sem os aparelhos.

P. Poderia nos falar um pouco sobre a sua experiência docente na Educação Física?
C. Talvez eu tenha sido uma má mãe, uma mãe não muito boa, o que eu quero colocar aqui nesse momento, é um momento bom para se falar, no começo da dança sênior, logo quando eu entrei em aposentadoria essa mudança do centro da educação física para ter vocês aqui a noite, para essa mudança também na Ufes para a gente tirou todos os alunos daqui, todos os alunos da UFES inteira, deixou todo centro de educação física enorme e vazio, nós tivemos muitas coisas desses tipos aqui, muitas baixas, mudanças de professores e também não se importaram muito com essas situações, essas diferenças. Eu mesma, durante esse período eu tive ainda um problema muito sério dentro com o departamento com essas mudanças, eu dava aula de dança e sala de aula, a dança que eu dava, que eu me oportunizei a buscar foi uma dança mais aberta mais livre, uma dança que a gente trabalha dança e expressão corporal, foi a dança afro-brasileira, foi também o início da dança afro-brasileira, foi uma mudança muito grande, essa dança foi aprovada nacionalmente nessa época, a palavra né. Eu fiz uma pesquisa, fui para Bahia, fiz o curso de mestrado, doutorado lá na Bahia por conta disso, eu tive uma apresentação com o grupo daqui, eu levei um grupo de 28 alunos dentro de um avião e nós fizemos uma apresentação lá a noite em um lugar que faz festivais para o mundo inteiro, foi a coisa mais linda assim, e mesmo com tudo isso nessa época, a gente tinha muito problema como profissional dentro da área de dança, porque eu tinha essa sensação, essa coisa dessa mudança, da dança livre dança afro, não existia isso, não tinha ninguém que dava essas aulas, com isso eu enfrentei muita dificuldade com o departamento, porque o departamento enfrentava muito para dança mais clássica, e eu fiz esse viés dentro do centro, depois veio todo mundo junto né, ai teve uma abertura nacional disso, com profissionais ótimos nacionalmente.

P. Poderia nos contar sobre a sua pós-graduação? Onde, quando, quem foi seu/sua orientador/a? Que temas trabalhou?
C. Eu fiquei 5 anos depois que me formei para depois entrar nisso, eu comecei a ver a possibilidade de todo mundo dançar porque até ai os rapazes não viam dançar, quase nenhum, porque tinha aquela coisa muito rígida do balé clássico, e na época ainda tinha essa tabu, que homem não dança, e para um homem colocar um colam e se posicionar ali na sala, os outros que passavam ali ficavam com comentários como “bixa”, esses palavreados que falavam na época. Então eu fui modificando para atender aqueles rapazes, porque eu como profissional tinha que trabalhar uma parte

da dança que era teórica, entender corpo, entender os movimentos, como eu trabalho meu corpo? Entender as artes entender de expressão corporal. Dentro da minha aula eu tinha que trabalhar tudo isso, como que eu vou trabalhar tudo isso e todo mundo rígido.

P. No geral, como tem se dado essa relação com o "ser mulher" na atuação profissional?
C. Eu já possuía 3 filhos na época que eu estudava, um de 12 anos, um de 10 e uma menina de 3 meses. Isso foi muito difícil na questão da produção acadêmica. Mas não só por isso não, eu gosto muito de mim, porque eu sou muito da área técnica, mas na área acadêmica eu já tenho muita dificuldade, tudo que eu estou falando, se vocês mandarem eu escrever, eu vou ter muita dificuldade. Eu fui formada e trabalhei muitos anos nessa área técnica, e os conhecimentos que eu adquiri eu mantive, mantenho sempre aceso.

P. Quando se formou na graduação percebeu alguma diferença entre as mulheres e homens no início da carreira?
C. Com certeza, até as mulheres, elas riam de mim, porque essa área da prática não era a área que elas gostavam né, aquela coisa clássica ...né... então eu desviei dessa área, então era a área... enfim, não era nem acadêmica e nem clássica da dança, então, olha só meu desvio, eu fui para um lado que era completamente diferente de todos, até os alunos quando vinham para minha aula: "mas, que aula é essa que a gente vai fazer". Eles ainda não entendiam que aula que era, a gente fazia lá expressão corporal: o que é isso. Hoje vemos nas salas de aula aquelas plaquinhas.

P. Como você visualiza o percurso recorrido pelas mulheres na docência universitária?

C. Olha, as mulheres hoje estão muito mais afoitas do que as antigas, se posicionando muito mais. Eu me posicionei na época porque tinha necessidade, era carente financeiramente. Então tinha ajuda financeira das universidades, pegava as fichinhas de ônibus que eles davam, viajava com os ônibus da UFES com minhas turmas. Então eu tinha que mostrar serviço para poder estar nessa questão melhor. Melhorar minha vida no lado financeiro. Mas hoje eu vejo que as mulheres estão mais independentes. Financeiramente estão mais rápidas. Visto que hoje tem mais academias e turmas e que aceitam com maior facilidade.

P. Você gostaria de narrar, questionar ou colocar algum elemento que não perguntamos? Ou deixar algum comentário final?
C. Talvez dos meus alunos, as minhas saídas ne, com eles. A universidade ela tem muito compromisso com essa idade ne. Principalmente porque estamos aqui no centro de Educação Física ne que libera um projeto para o serviço social que pé de onde tem um projeto o UNAP, esse projeto daqui da Educação Física tem uma pessoa que está à frente, um profissional atuante que é o professor José Luiz, e ele está com meu projeto na mão, e atualmente está entrando um novo projeto e ele é quem assina embaixo lá no UNAP e eu só sou o profissional que está realizando o projeto. E o que

acontece para eu pegar essa turma eu dependo de ele liberar, da UNAP liberar e da extensão liberar para eu poder liberar a turma, aí eu digo que sou muito má nessa situação, eu digo assim: eu vou levar a turma, ok?! E aí fica todo mundo assuntado, porque vinhemos de uma pandemia e é um grupo de risco né, eu deixo todo mundo assustado (risada) eu boto o pé na frente e passo por cima de todo esse povo (risada), enfim, eu passo por cima de quantos forem para carregar meus alunos, juntos todos rezamos para dar certo e vamos.